

ENTREVISTA COM ALDYR GARCIA SCHLEE

Aldyr Garcia Schlee é um “ex-cêntrico”. Não por ter gostos raros ou extravagantes, mas sim por exercer as suas atividades como escritor e tradutor “fora do centro”, ou seja, num espaço deslocado dos conhecidos centros culturais e literários. Em sua ficção, Schlee explora o universo de fronteira, no caso, a do Brasil com o Uruguai, e, como tradutor, transita pela literatura da região platina. Seu projeto como escritor-tradutor apresenta uma grande coerência. Devemos a ele, juntamente com Sergio Faraco, a iniciativa de publicar alguns dos principais contistas uruguaios no Brasil. É dele também uma das recentes traduções do clássico argentino *Facundo: civilização e barbárie no pampa argentino*, de Domingo Faustino Sarmiento, para o português. Traduziu também Ricardo Güiraldes e Acevedo Díaz e verteu ao espanhol *Campo fora*, de Cyro Martins e *A Salamanca do Jarau*, de Simões Lopes Neto.

Schlee igualmente inova ao escrever suas obras tanto em português como em espanhol. Do mesmo modo, costuma publicar seus originais nos dois lados da fronteira. É também um exemplo raro de autotradução: três dos seus livros de contos - *El día en que el Papa fue a Melo*, *Cuentos de fútbol* e *Cuentos de verdades* - foram escritos originalmente em espanhol; os dois primeiros, publicados no Uruguai antes mesmo de serem editados no Brasil (em português) com a tradução feita pelo próprio Schlee.

Nascido em 1934, Schlee é doutor em ciências humanas, livre-docente em direito internacional e foi pró-reitor de extensão e cultura da Universidade Federal de Pelotas, e consultor jurídico junto ao Itamarati na elaboração do Tratado da Lagoa Mirim. Como jornalista, ganhou um Prêmio Esso de reportagem. Sua obra própria inclui seis volumes de contos, um romance histórico e quase duas

dezenas de participações em antologias. Obteve vários prêmios literários, tendo vencido duas Bienais Nestlé da literatura brasileira, em 1982 e 1984. Sua experiência como tradutor levou-o a pesquisar e registrar a linguagem representativa da fala e da cultura do homem do pampa sul-rio-grandense.

Marlova Aseff
UFSC

Cadernos de Tradução (C.T.): *Como a tradução entrou na sua vida?*

Aldyr Garcia Schlee (A.G.S.): Sempre fui muito apaixonado por leitura. Antes de tudo, eu sou um leitor que escreve, um leitor apaixonado. E eu sempre convivi com textos em espanhol e ouvi muitas histórias em espanhol quando mal tinha aprendido a ler e a escrever. Eu dormia com o meu tio Oscar Emygdio Garcia em uma enorme cama na casa da minha avó em Jaguarão. Todos os dias, antes de dormir, ela lia um trecho da *Odisseia* em espanhol para mim. Isso foi apurando o meu ouvido. Fui muito desafiado nesse sentido quando era guri. Na biblioteca do Clube Jaguareense, li tudo o que podia e que não podia; da biblioteca do padrinho de minha irmã ganhei obras raras da literatura ocidental. E meu padrinho (que era italiano e teimava em dizer que Dante – “o melhor de todos” – inventara o italiano como Cervantes o espanhol) me ensinou, com aquela frase manjada em italiano, que não dá para confiar em tradutores. Desde então procurei ler no original todo livro que me interessava – e me interessava muito toda obra produzida em espanhol. Eu me nego a ler uma tradução de obra do espanhol. A tradução é um perigo...

C.T.: *De leitor, como você passou a tradutor?*

A.G.S.: Comecei a traduzir já morando em Pelotas, depois de casado. Meus filhos estavam crescendo e eu lia para eles alguns textos. Comecei a traduzir esses textos para que meus filhos e minha mulher entendessem. Primeiro, os poetas da gauchesca platina, mas fazia isso sem maiores pretensões. Quando eu comecei a traduzir, estava querendo aprimorar, criar junto com o escritor; daí que minha tradução é tipicamente criativa, não é uma tradução literal. Aliás, acho que a tradução não deve nem pode ser literal, mas há os que defendem isso. Os de língua hispânica, por exemplo, são muito ciosos do seu dicionário da Real Academia. Fiz uma versão para o espanhol de um livro do Cyro Martins e, durante um debate, o Pablo Rocca, um professor e tradutor uruguaio, em pleno palco do evento, disse que a minha tradução era muito livre! Eles simplesmente não admitem que o sujeito possa substituir determinada palavra ou frase por outra que não tenha quase o mesmo significado para, em troca, manter o ritmo da frase, a característica do autor. Desde então, comecei a estudar para me aprimorar na tradução e pretendo ter sempre muita consciência de que estou de posse de um texto que pode ser ferido por mim. E acho muito importante conhecer bem o autor; se possível, ler as demais obras dele. É assim que eu costumo trabalhar. Porém, repito: eu comecei mesmo de brincadeira, num exercício desprezioso. Traduzi dezenas de contistas, primeiro os chamados *criollos* uruguaio (todos os *criollos* uruguaio passaram pela minha mão, alguns nem valia a pena traduzir). Quando já tinha uma quantidade exagerada deles, conversando com o Sergio Faraco, veio a ideia de publicar a antologia *Para sempre Uruguai*.

C.T.: *Você também escreve em espanhol. Isso se deve ao fato de ter nascido e crescido em uma cidade fronteira?*

A.G.S.: Sempre falei português com os meus amigos em Jaguarão e com as pessoas do outro lado da fronteira, e eles sempre me en-

tenderam. E eles falam em espanhol e nós entendemos. Nós somos bilíngues, mas eu nunca exercitei a fala em espanhol. Esse é um fenômeno muito característico da fronteira. Eu escrevo fluentemente em espanhol, mas tenho dificuldade para falar. A fronteira é um universo quase imperceptivelmente bilíngue. Em Jaguarão, pelo menos, é como se usássemos a mesma língua e não houvesse limites sobre o rio.

C.T.: Fale mais sobre a sua relação com o Uruguai.

A.G.S.: Minha relação com o Uruguai é a de quem nasceu umas poucas centenas de metros do lado de cá, o que quer dizer a umas poucas centenas de metros do lado de lá do rio; é de quem se criou ali, na fronteira uruguaio-brasileira, tentando entender e superar os limites que demarcam o que é nosso – aqui e lá, para eles e para nós; é de quem não consegue viver longe desse mundo bipartido, tão característico da história e da vida do Uruguai e do Rio Grande do Sul – que, afinal, é somado ao mundo pampiano, que compartilhamos com parte da Argentina.

C.T.: E quando você estreou como escritor?

A.G.S.: Foi nos anos 70, quando um grupo de escritores gaúchos e de pessoas interessadas em literatura decidiu se unir para fazer uma cooperativa. Acho que a ideia foi do Tarso Genro. Além dele, faziam parte do grupo o Adelmo Genro, o Eduardo Degrazia, o Faraco, entre outros. Por sorteio, primeiro lançamos uma antologia de poetas; depois, de contos. Isso foi em 1977. A antologia da qual eu participei se chamou Histórias ordinárias, um título mais do que apropriado!

C.T.: *Você acaba de escrever um romance histórico, Don Frutos e você o verteu para o espanhol, devendo ser publicado em breve pela Ediciones de La Banda Oriental, de Montevideú. Como funciona isso, de você se autotraduzir? Você não confia nos outros tradutores?*

A.G.S.: Eu comecei a escrever *Don Frutos* em português e quando tinha cento e poucas páginas, passei a escrevê-lo em espanhol. Aí uma editora brasileira manifestou interesse em publicá-lo, então traduzi para o português o que já estava escrito e o concluí (são, ao todo, 590 páginas!). Depois, surgiu uma proposta para publicá-lo no Uruguai, e agora já tenho duzentas e poucas páginas vertidas definitivamente para o espanhol. O melhor texto desse livro é em espanhol. Uma dificuldade que eu tive em português, que foi fazer o protagonista falar, já que ele é um uruguaio, desapareceu na versão em espanhol.

C.T.: *Como você sente a atividade de autotradução?*

A.G.S.: Na verdade, eu não sinto como se fosse uma tradução. É como uma reescrita.

C.T.: *E o que o leva a não entregar o texto a um tradutor?*

A.G.S.: Na verdade, não tenho porque entregar um texto que escrevi em espanhol para alguém que me traduza ao português; ou um texto que escrevi em português, para um tradutor que o passe ao espanhol. No caso dessas línguas, eu sou o meu tradutor. Mas, assim mesmo, é preciso revelar que tive uma experiência muito desagradável com a tradução de pelo menos um de meus livros. No caso do meu primeiro livro escrito em espanhol, *O dia em que o Papa foi a Melo*, houve um curioso equívoco: por um

erro de edição, apareço também como tradutor, de modo que, oficialmente, esse livro foi traduzido por mim; embora não existisse até então o texto em português! No caso de *Cuentos de fútbol* foi pior: nesse livro, editado em 1995 no Uruguai, quando também não havia versão em português, a tradução foi atribuída aos revisores dos originais.

C.T.: Você ganhou vários prêmios literários. Como você vê a questão dos prêmios?

A.G.S.: O primeiro prêmio literário que ganhei – a Bienal de Literatura de 1982 – teve muita importância para mim, pois foi num momento em que eu não chegava aos editores. Morando num canto do país, era um desconhecido. Então resolvi concorrer, na esperança de ser editado. Preciso dizer, entretanto, por uma questão de honestidade, que esse não era o primeiro concurso a que eu concorria (antes, fora menção honrosa em concurso do Instituto Estadual do Livro e no Prêmio José Lins do Rego). Nas circunstâncias da minha vida, contudo, foi muito importante estar entre os premiados também na II Bienal, o que me proporcionou a publicação seguida e o fato de ser ainda mais divulgado.

C.T.: Como você analisa a sua escrita em relação à linguagem regional? Algo mudou do início da sua carreira para cá?

A.G.S.: Há uma recriação no léxico empregado em minha obra. Eu tenho essa pretensão de recriar um dialeto fronteiriço, mas de forma literária. Eu sei que não é como eu escrevo que se fala em Jaguarão ou em Rio Branco, mas eu consegui conciliar acima dos limites editoriais o meu interesse pela fronteira e pude trabalhá-lo semanticamente e até do ponto de vista sintático. Consegui trabalhar com uma forma que não é a corrente. Por exemplo, um exercício que eu sempre fiz foi o de escrever em português utilizando

a sintaxe do espanhol. Isso se percebe. Tenho um certo orgulho de ter encontrado ou de ter sido encontrado pelo meu próprio universo literário, que é o da fronteira, em torno de Jaguarão e de Rio Branco. Não vou muito além disso. É um mundo muito pequeno e restrito, de onde já não posso sair e só onde posso encontrar meus personagens. Um exemplo dessa limitação é o romance *Don Frutos*, que só existe porque eu descobri, tive provas e me convenci da passagem de Rivera por Jaguarão, já no final da vida.

C.T.: Você também usa da superposição de línguas, deixa palavras em espanhol, trechos em francês.

A.G.S.: Sim, é verdade. Há pessoas que reclamam da minha sintaxe próxima do espanhol, dizem que isso não funciona para o restante do Brasil. Também já recebi correspondência tanto do Brasil como do Uruguai, pedindo explicações sobre aspectos semânticos de livros que publiquei aqui e lá: sugerem glossário ou notas de rodapé.

C.T.: Mas Guimarães Rosa também usa uma linguagem regional que não é facilmente entendida em todo o Brasil.

A.G.S.: Esse é o argumento! Sem a pretensão de ser um Guimarães Rosa, pois ele era senhor absoluto de um universo literário, compôs, realizou, concretizou e encantou a todos com a recriação estética em cima de uma linguagem que não é comum. E com a coragem de colocar todo aquele romance na boca de um tipo comum.

C.T.: Fale um pouco sobre o trabalho que você fez com a linguagem na tradução de Facundo.

A.G.S.: Pouca gente foi capaz de perceber e de reconhecer esse trabalho. Só quem lida com literatura com muita seriedade percebeu. Porque *Facundo* foi escrito por Domingo Faustino Sarmiento em 1845 e publicado às pressas, em fascículos no jornal *El Mercurio*, do Chile, quando o autor estava ali exilado. Por mais que imaginemos que Sarmiento pudesse ser cuidadoso, e eu acho que ele não era, foi difícil. Tive eu que ser cuidadoso: tive que incurSIONAR pela literatura da língua portuguesa da época de *Facundo*, que é muito pobre e atrasada!

Nós somos retardados em matéria de desenvolvimento da literatura, talvez porque por muito tempo foi proibido editar, no Brasil. Temos somente 200 anos de história da imprensa, por exemplo. Justamente por isso, autores como Gonçalves de Magalhães, passam batidos. Tive que ler *Caldre Fião*, que é maçante, para ter uma perspectiva dos usos da língua. Tive que repassar a disposição sintática prevalente, mas principalmente as questões léxicas, semânticas, a utilização de expressões ou vocábulos que depois caíram em desuso. Tive que recorrer a dicionários de arcaísmos e, mais difícil, pinçar palavras que mudaram de sentido completamente. É verdade que o computador ajudou muito.

Fixei-me profundamente na questão da linguagem. Acontecia de ter que ficar dois ou três dias para resolver a tradução de uma palavra. Foi um trabalho terrível, mas me deu muita satisfação de ter conhecido profundamente o *Facundo*. Quando eu comecei a traduzir, tinha horror do caudilho Facundo; mas quando terminei, eu estava apaixonado. Também li parte da obra do Sarmiento para conhecê-lo melhor e, principalmente, o seu léxico, tentando ser fiel a ele. Só que tive que mudar muita coisa, principalmente na disposição do texto, modificando completamente, por exemplo, a organização dos parágrafos, que era absolutamente caótica, talvez porque o livro tenha sido editado originalmente em jornal.

ANEXO

Traduções espanhol-português

Para sempre Uruguai (Antologia de contos). Trad. Sergio Faraco e Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1990.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie no pampa argentino*. Tradução, notas e estudo crítico de Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Editora da PUC-RS, 1996.

ACEVEDO DÍAZ, Eduardo. *Pátria uruguaia*. Antologia. Seleção, tradução e notas de Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997.

GÜIRALDES, Ricardo. *Don Segundo Sombra*. Porto Alegre: LP&M, 1997. Revisão da tradução de Augusto Meyer.

Traduções português- espanhol

LOPES NETO, João Simões. *La salamanca del Jarau*. Porto Alegre: IEL-IGEL, 1991.

MARTINS, Cyro. *Campo fora / Campo afuera*. Edição bilíngue português/espanhol. Porto Alegre: IEL / CELPCYRO, 2000. Tradução para o espanhol de Aldyr Garcia Schlee.

Obra própria

Contos

Contos de sempre. São Paulo: RL Editores, 1983. (2ª edição, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988; 3ª edição, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.) 3º Lugar Prêmio Bienal Nestlé de Literatura.

Uma terra só. São Paulo: Melhoramentos, 1984. 1º Lugar Prêmio Bienal Nestlé de Literatura, 1984.

Linha divisória. São Paulo: Melhoramentos, 1988. Finalista do Prêmio Casa de las Américas.

Cuentos de fútbol. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1995.

El día en que el papa fue a Melo. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1991.

Contos de verdades. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

Os limites do impossível - Contos gardelianos. Porto Alegre: Edições ARdoTempo, 2009.

Romance

Don Frutos. (Inédito)

Autotraduções

Contos de futebol. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. Finalista do Prêmio Jabuti.

O dia em que o papa foi a Melo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

Cuentos de verdades. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental (no prelo).

Don Frutos. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental (no prelo).

“Aquella tarde imposible”. In *Escrito en el césped* (antología). Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1998.

Outros

Lopes Neto, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Edição crítica, com introdução, comentários, notas, glossário, registro de variantes e estabelecimento do texto. Porto Alegre: IEL/Editora UNISINOS, 2006, 2 volumes.

Publicações em antologias

“A falta de Tabaré”. In *22 contistas em campo* (seleção de Flávio Moreira da Costa). Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

“Encanto de futebol”. In *Contos Brasileiros de Futebol*. Brasília: L.G.E, 2005.

“O Barco das ilusões” e “Como uma parábola.” In *Os 35 melhores contos do Rio Grande do Sul* (org. de Maria da Glória Bordini). Porto Alegre: Corag/IEL, 2003.

“Maria Adélia”. In *Trilhos na cabeça*. Messina: Edizioni Dr. Antonino Sfameni, 2003.

“Maestros del fútbol” e “Maria Adélia”. In Ostermann, Ruy Carlos (org.) *Meia encarnada dura de sangue*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 2001.

“Noite de Natal”. In *Cinco histórias do sul*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal de Cultura, 2001.

“Braulina” e “Anão de circo” In *Para ler os gaúchos*. Porto Alegre: Novo Século, 2000.

“Conto IX”. In *Contos sem fronteiras*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

“A viúva de Quinteros”. In *O autor presente - Literatura gaúcha*, Porto Alegre: IEL, 1997.

“Os alemães” In *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1996.

“Que trama é esta do será, do é, do foi?” (devaneio) In *Nós, os gaúchos II*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1994.

“Don Sejanos” In *Cuentos brasileños contemporáneos*. La Habana: Arte y Literatura, 1991.

“A verdade e a mentira sobre Hugo del Carril e o grande Heleno de Freitas” In *Ficções*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

“O sinal”. In *Pau-Brasil*. São Paulo: DAAE, 1986.

“Ida e volta”. In *Rodízio de contos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

“Pan velho”, “Pláquete-pláquete” e “O sulque de rodas vermelhas”. In *Histórias ordinárias*. Porto Alegre: Cooperativa de Escritores Gaúchos, 1977.

